

O Futuro da Marvel em Hollywood

Nelson
Zagalo

9 de Janeiro de
2015

Depois de ter entrado num ponto de rutura com a quebra de vendas dos livros de banda desenhada (BD) nos anos 1990, que se acentuou nos anos seguintes com a propagação do digital, a Marvel viu-se obrigada a explorar novas avenidas para o desenvolvimento da sua propriedade intelectual. Assim, quando a inovação audiovisual criada pela computação gráfica atingiu patamares de completo fotorealismo, no início dos anos 2000, o cinema tornou-se mais uma vez apetecível para a experimentação Marvel. As más experiências do passado aconselharam cautela, por isso a aproximação começou em pequenos passos. A primeira vaga trouxe – “X-men” (2000), “Spider-man” (2002), e “Hulk” (2003) – todos enormes sucessos, tanto junto dos fãs dos livros como fora desse grupo, confirmando finalmente a possibilidade de transposição do seu imaginário visual gráfico para o imaginário audiovisual cinematográfico.

Ao longo da primeira década deste século a Marvel trabalhou com Hollywood para tornar a nova avenida de desenvolvimento Marvel em algo efetivo, funcional e capaz de fazer jus ao enorme legado criado no meio da BD. Na verdade não foi apenas a Marvel a trabalhar neste sentido, Hollywood precisava também desesperadamente da Marvel. Com as audiências das salas de cinema a decrescer ano após ano, o surgimento de tanto manancial de propriedade intelectual ainda não utilizado e agora rentabilizável, deve ter surgido a alguns produtores de Hollywood como se fora a descoberta de um poço de petróleo ou mina de ouro inesgotáveis. Nos anos que se seguiram veríamos não apenas novos filmes das séries X-men e Spider-man, como “Daredevil” (2003), “Elektra” (2005) e “Fantastic Four” (2005).

Depois em 2008 com o lançamento de “Iron Man” inicia-se uma nova fase da Marvel em Hollywood. Se até aqui surgiam filmes isolados, ou mesmo que pertencentes a séries, de alguma forma autónomos em termos de universo narrativo, isso iria alterar-se drasticamente. Ao fim de vários filmes de sucesso a Marvel quis subir a fasquia, deixando o papel de mero fornecedor de conteúdos para assumir o de produtor independente dos seus filmes. Detendo o total controlo das várias franquias de personagens, a Marvel desenharia toda uma nova estratégia que se inicia com “Iron Man” em 2008 e se tornaria conhecida como o Marvel Cinematic Universe, uma abordagem que iria mudar por completo a forma de estar da Marvel em Hollywood.

O Marvel Cinematic Universe representa a fase final da transposição do conceito Marvel para o Cinema, em que além dos personagens e seus mundos, se transpõe também todo o seu conceito de storytelling. Este conceito próprio consiste fundamentalmente em criar ligações narrativas entre todos os personagens e todos os seus mundos, passando os filmes da Marvel a servir um todo unitário narrativo. Ou seja, para quem quiser seguir Iron Man já não basta ver os filmes da sua série, terá agora de ver também os filmes da série Avengers, assim como da série Thor, da série Captain América, e ainda da série Hulk. Tudo passa a estar interligado e interdependente. Um acontecimento num filme de Thor pode ter implicações diretas no próximo filme da série Captain America, assim como um acontecimento em Hulk pode ter impacto no próximo Avengers, e assim sucessivamente. É assim na BD há décadas, e agora passa a ser assim também no cinema.

Em termos de produção isto é um tanto louco, já que produzir um filme é muito diferente de produzir um livro de BD, opera-se sobre uma estrutura de recursos humanos e materiais imensamente mais complexa, algo que a Marvel só poderia almejar a partir do momento em que passou a controlar todo o processo. Deste modo os últimos anos têm-se pautado pela busca de financiamento, o que obriga a que se tracem linhas muito concretas para os próximos passos deste universo de modo a convencer o investimento. E é também por isso que sabemos que até 2020 a Marvel não irá abrandar o ritmo, antes pelo contrário, entre 2015 e 2019 a Marvel irá colocar nas salas de cinema mais 11 filmes de super-heróis. Isto exceptuando os potenciais novos filmes do Spider-man (Sony), Fantastic Four e X-men (Fox) os restantes licenciados ainda fora do domínio da Marvel Studios. A questão atual, e que vale o milhão de dólares, é saber se o público estará preparado para aguentar tantos novos filmes de super-heróis?

...acredito que uma das razões para a saturação dos livros de BD da Marvel foi exatamente o seu conceito de storytelling...

Do meu lado, tenho grandes dúvidas. Desde logo porque acredito que uma das razões para a saturação dos livros de BD da Marvel foi exatamente o seu conceito de storytelling, nomeadamente o seu desvirtuar comercial. Ou seja, os leitores da BD perceberam a determinada altura que o facto de as histórias e personagens circularem de forma interdependente pelos vários livros não acontecia pela relevância artística ou criativa, mas apenas e só comercial. Isto é, cada novo livro terminava sempre com a menção “continua” com o objetivo de nos fazer comprar o próximo, e a circulação entre diferentes livros de diferentes personagens, para nos obrigar a comprar todas as séries, não podendo nós apenas seguir uma. Ora com o desenvolvimento do Marvel Cinematic Universe é exatamente esta formula comercial que a Marvel busca replicar nos próximos anos em Hollywood.

Por fim, uma grande questão que se coloca, mais cedo ou mais tarde, aos seguidores destas histórias fantásticas de super-heróis dotados de poderes sobrenaturais, é a do princípio da consequentialidade. Num universo em que todas as regras, humanas ou naturais, podem ser subvertidas, nada é impossível e tudo está apenas limitado pelo alcance da imaginação de quem escreve. Jean Grey ou Capitão América podem morrer quantas vezes forem precisas, haverá sempre uma forma de justificar o seu regresso, mas a determinada altura isto acaba por corroer a crença, a capacidade dos leitores, agora espetadores, de se manterem envolvidos, interessados e motivados a continuar a seguir o Universo Marvel.